CAMPUS CENTRAL – NATAL

PRÓ-REITORIA DE ENSINO – DIRETORIA ACADÊMICA DE CIÊNCIAS – DIAC

**LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA BRASILEIRA III**

**TÉCNICO DE NÍVEL MÉDIO INTEGRADO**

**MINIANTOLOGIA DA POESIA SIMBOLISTA**

*Cruz e Sousa*

**Antífona**

Ó Formas alvas, brancas, Formas claras

de luares, de neves, de neblinas!...

Ó Formas vagas, fluidas, cristalinas...

Incensos dos turíbulos das aras...

Formas do Amor, constelarmante puras,

de Virgens e de Santas vaporosas...

Brilhos errantes, mádidas frescuras

e dolências de lírios e de rosas...

Indefiníveis músicas supremas,

harmonias da Cor e do Perfume...

Horas do Ocaso, trêmulas, extremas,

Réquiem do Sol que a Dor da Luz resume...

Visões, salmos e cânticos serenos,

surdinas de órgãos flébeis, soluçantes...

Dormências de volúpicos venenos

sutis e suaves, mórbidos, radiantes...

Infinitos espíritos dispersos,

inefáveis, edênicos, aéreos,

fecundai o Mistério destes versos

com a chama ideal de todos os mistérios.

Do Sonho as mais azuis diafaneidades

que fuljam, que na Estrofe se levantem

e as emoções, todas as castidades

da alma do Verso, pelos versos cantem.

Que o pólen de ouro dos mais finos astros

fecunde e inflame a rima clara e ardente...

Que brilhe a correção dos alabastros

sonoramente, luminosamente.

Forças originais, essência, graça

De carnes de mulher, delicadezas...

Todo esse eflúvio que por ondas passa

Do Éter nas róseas e áureas correntezas...

Cristais diluídos de clarões alacres,

Desejos, vibrações, ânsias, alentos

Fulvas vitórias, triunfamentos acres,

Os mais estranhos estremecimentos...

Flores negras do tédio e flores vagas

De amores vãos, tantálicos, doentios...

Fundas vermelhidões de velhas chagas

Em sangue, abertas, escorrendo em rios...

Tudo! vivo e nervoso e quente e forte,

Nos turbilhões quiméricos do Sonho,

Passe, cantando, ante o perfil medonho

E o tropel cabalístico da Morte...

**Dilacerações**

Ó carnes que eu amei sangrentamente,   
ó volúpias letais e dolorosas,   
essências de heliotropos e de rosas   
de essência morna, tropical, dolente... 

Carnes, virgens e tépidas do Oriente   
do Sonho e das Estrelas fabulosas,   
carnes acerbas e maravilhosas,   
tentadoras do sol intensamente...   
  
Passai, dilaceradas pelos zelos,   
através dos profundos pesadelos   
que me apunhalam de mortais horrores...   
  
Passai, passai, desfeitas em tormentos,   
em lágrimas, em prantos, em lamentos   
em ais, em luto, em convulsões, em dores...

**A Morte**

Oh! que doce tristeza e que ternura  
No olhar ansioso, aflito dos que morrem…  
De que âncoras profundas se socorrem  
Os que penetram nessa noite escura!

Da vida aos frios véus da sepultura  
Vagos momentos trêmulos decorrem…  
E dos olhos as lágrimas escorrem  
Como faróis da humana Desventura.

Descem então aos golfos congelados  
Os que na terra vagam suspirando,  
Com os velhos corações tantalizados.

Tudo negro e sinistro vai rolando  
Báratro a baixo, aos ecos soluçados  
Do vendaval da Morte ondeando, uivando…

**Dança do ventre**

Torva, febril, torcicolosamente,

Numa espiral de elétricos volteios,

Na cabeça, nos olhos e nos seios

Fluíam-lhe os venenos da serpente.

Ah! que agonia tenebrosa e ardente!

Que convulsões, que lúbricos anseios,

Quanta volúpia e quantos bamboleios,

Que brusco e horrível sensualismo quente.

O ventre, em pinchos, empinava todo

Como reptil abjecto sobre o lodo,

Espolinhando e retorcido em fúria.

Era a dança macabra e multiforme

De um verme estranho, colossal, enorme,

Do demônio sangrento da luxúria!

*Alphonsus de Guimaraens*

**O leito**

Ontem, à meia-noite, estando junto  
A uma igreja, lembrei-me de ter visto  
Um velho que levava às costas isto:  
Um caixão de defunto.

O caso nada tem de extraordinário.  
Quem um velho a levar um caixão tal  
Inda não viu? É um fato quase diário  
Em qualquer bairro de uma capital.

Mas é que ia de modo tal curvado  
Para o chão, e afalar tão baixo e tanto,  
Que, manso e manso, e trêmulo de espanto,  
Fui seguindo a seu lado.

Disse-lhe assim: “Talvez seja demência  
Quem guie os passos todos que tu dês;  
Ou és então, na mísera existência,  
Um miserável bêbedo, talvez.”

O olhar fito no chão, como desfeito  
Em sangue,o velho, sem me olhar, seguia.  
E ouvi-lhe a única frase que dizia:  
— “Vou levando o meu leito.”

**Páginas do túmulo**

A fantasiosa morte que me oprime  
Da aurora cruel do teu olhar me afasta;  
Não basta ao pranto meu, à dor não basta  
O fogo do teu ósculo sublime.

A vida tem-me o peso mau de um crime;  
Como um bandido que o remorso arrasta,  
Vou arrastando esta alma triste e gasta,  
A quem a minha mágoa não redime.

Não sei onde curar o sofrimento:  
Se te olho, vem-me o pranto à flor das faces,  
Se bebo, mais o vinho me crucia.

Matar-me, não… Que esquálido e poeirento  
Talvez te viesse ver, talvez me odiasses  
Ao ver-me a catadura horrenda e fria.

**Ária fúnebre**

Dobra a finados. Sol no ocaso  
Cintila em rubras chispas de cobre.  
— Bom padre, tu saberás ocaso  
Para quem é tão tristonho dobre?

— É para tua formosa amada,  
Que morreu hoje sem confissão,  
— Pobre finada, pobre finada…  
Dobra com força, mau sacristão!

— Bom marceneiro que vais andando,  
Saberás tu quem perdeu a vida?  
Ao longe o sino morre dobrando…  
Para quem leva essa medida?

— É para a tua formosa amada…  
Eis o tamanho do seu caixão.  
— Pobre finada, pobre finada…  
Dobra com força, mau sacristão!

Como uma rosa dentro de um ninho,  
A lua nasce no céu de outono,  
— De enxada e pá segues teu caminho  
Coveiro, quem dorme o eterno sono?

— Não sei se é noiva, não sei se é casada…  
Mais uma vez eu vou cavar o chão.  
— Reza coveiro, pela finada…  
Dobra com força, mau sacristão!

**A catedral**

Entre brumas ao longe surge a aurora,  
O hialino orvalho aos poucos se evapora,  
Agoniza o arrebol.  
A catedral ebúrnea do meu sonho  
Aparece na paz do céu risonho  
Toda branca de sol.  
  
E o sino canta em lúgubres responsos:  
"Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!"  
  
O astro glorioso segue a eterna estrada.  
Uma aurea seta lhe cintila em cada  
Refulgente raio de luz.  
A catedral eburnea do meu sonho,  
Onde os meus olhos tao cansados ponho,  
Recebe a bencao de Jesus.  
  
E o sino clama em lugebres responsos:  
"Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!"  
  
Por entre lirios e lilases desce  
A tarde esquiva: amargurada prece  
Poe-se a luz a rezar.  
A catedral eburnea do meu sonho  
Aparece na paz do ceu tristonho  
Toda branca de luar.  
  
E o sino chora em lúgubres responsos:  
"Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!"  
  
O céu e todo trevas: o vento uiva.  
Do relâmpago a cabeleira ruiva  
Vem acoitar o rosto meu.  
A catedral ebúrnea do meu sonho  
Afunda-se no caos do céu medonho  
Como um astro que já morreu.  
  
E o sino chora em lúgubres responsos:  
"Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!"

*Pedro Kilkerry*

**O Verme e a Estrela**

Agora sabes que sou verme.  
Agora, sei da tua luz.  
Se não notei minha epiderme...  
É, nunca estrela eu te supus  
Mas, se cantar pudesse um verme,  
Eu cantaria a tua luz!  
  
E eras assim... Por que não deste  
Um raio, brando, ao teu viver?  
Não te lembrava. Azul-celeste  
O céu, talvez, não pôde ser...  
Mas, ora! enfim, por que não deste  
Somente um raio ao teu viver?  
  
Olho, examino-me a epiderme,  
Olho e não vejo a tua luz!  
Vamos que sou, talvez, um verme...  
Estrela nunca eu te supus!  
Olho, examino-me a epiderme...  
Ceguei! ceguei da tua luz?

**É o Silêncio...**

É o silêncio, é o cigarro e a vela acesa.  
Olha-me a estante em cada livro que olha.  
E a luz nalgum volume sobre a mesa...  
Mas o sangue da luz em cada folha.

Não sei se é mesmo a minha mão que molha  
A pena, ou mesmo o instinto que a tem presa.  
Penso um presente, num passado. E enfolha  
A natureza tua natureza.  
Mas é um bulir das cousas... Comovido  
Pego da pena, iludo-me que traço  
A ilusão de um sentido e outro sentido.  
Tão longe vai!  
Tão longe se aveluda esse teu passo,  
Asa que o ouvido anima...  
E a câmara muda. E a sala muda, muda...  
Afonamente rufa. A asa da rima  
Paira-me no ar. Quedo-me como um Buda  
Novo, um fantasma ao som que se aproxima.  
Cresce-me a estante como quem sacuda  
Um pesadelo de papéis acima...  
  
..........................................  
  
E abro a janela. Ainda a lua esfia  
Últimas notas trêmulas... O dia  
Tarde florescerá pela montanha.  
  
E oh! minha amada, o sentimento é cego...  
Vês? Colaboram na saudade a aranha,  
Patas de um gato e as asas de um morcego.

***[Essa, que paira em meus sonhos]***

Essa, que paira em meus sonhos,  
Em meus sonhos a brilhar,  
E tem nos lábios risonhos  
O nácar do Iônio — Mar —  
Numa fantasia estranha,  
Estranhamente a sonhei  
E de beleza tamanha,  
Enlouqueci. É o que sei.  
Ela era, em plaustro dourado  
Levado de urcos azuis,  
De Paros nevirrosado,  
Ombros nus, os seios nus...  
E que de esteiras de estrelas,  
De prásio, opala e rubim!  
Na praia perto, por vê-las  
Vi que saltava um delfim  
Que longamente as fitando  
Alçou a cauda, a tremer  
E outros delfins, senão quando  
Aparecer.

**Ritmo eterno**

Abro as asas da Vida à Vida que há lá fora.   
Olha... Um sorriso da alma! — Um sorriso da aurora!   
E Deus — ou Bem! ou Mal — é Deus cantando em mim,   
Que Deus és tu, sou eu — a Natureza assim.   
  
Árvore! boa ou má, os frutos que darás   
Sinto-os sabendo em nós, em mim, árvore, estás.   
E o Sol, de cujo olhar meu pensamento inundo,   
Casa multiplicando as asas deste mundo...   
  
Oh, braços para a Vida! Oh, vida para amar!   
Sendo uma onda do mar, dou-me ilusões de um mar...   
Alvor, turquesa, ondula a matéria... É veludo,   
  
É minh'alma, é teu seio, e um firmamento mudo.   
Mas, aos ritmos da Terra, és um ritmo do Amor?   
Homem! ouve a teus pés a Natureza em flor!

**Cérbero**

É, não vens mais aqui... Pois eu te espero,

Gele-me o frio inverno, o sol adusto

Dê-me a feição de um tronco, a rir, vetusto

-  Meu amor a ulular... E é o teu Cérbero!

É, não vens mais aqui... E eu mais te quero,

Vago o vergel, todo o pomar venusto

E a cada fruto de ouro estendo o busto,

Estendo os braços, e o teu seio espero.

Mas como pesa esta lembrança... a volta

Da aleia em flor que em vão, toda transponho,

E onde te foste, e a cabeleira solta!

Vais corações rompendo em toda a parte!

Virás, um dia... E à porta do meu Sonho

Já Cérbero morreu, para agarrar-te.

*Gilka Machado*

**Sensual**

Quando, longe de ti, solitaria, medito

neste affecto pagão que envergonhada occulto,

vem-me ás narinas, logo, o perfume exquisito

que o teu corpo desprende e ha no teu proprio vulto.

A febril confissão deste affecto infinito

ha muito que, medrosa, em meus labios sepulto,

pois teu lascivo olhar em mim pregado, fito,

á minha castidade é como que um insulto.

Si acaso te achas longe, a collossal barreira

dos protestos que, outr’ora, eu fizera a mim mesma

de orgulhosa virtude, erige-se altaneira.

Mas, si estás ao meu lado, a barreira desaba,

e sinto da volupia a ascosa e fria lesma

minha carne polluir com repugnante baba...

**Incenso**

*A Olavo Bilac*

Quando, dentro de um templo, a corola de prata  
do turíbulo oscila e todo o ambiente incensa,  
fica pairando no ar, intangível e densa,  
uma escada espiral que aos poucos se desata.  
  
Enquanto bamboleia essa escada e suspensa  
paira, uma ânsia de céus o meu ser arrebata,  
e por ela a subir numa fuga insensata,  
vai minha alma ganhando o rumo azul da crença.  
  
O turíbulo é uma ave a esvoaçar, quando em quando  
arde o incenso ... Um rumor ondula, no ar se espalma,  
sinto no meu olfato asas brancas roçando.  
  
E, sempre que de um templo o largo umbral transponho,  
logo o incenso me enleva e transporta minha alma  
à presença de Deus na atmosfera do sonho.

**Ser Mulher ...**

Ser mulher, vir à luz trazendo a alma talhada  
para os gozos da vida; a liberdade e o amor;  
tentar da glória a etérea e altívola escalada,  
na eterna aspiração de um sonho superior...

Ser mulher, desejar outra alma pura e alada  
para poder, com ela, o infinito transpor;  
sentir a vida triste, insípida, isolada,  
buscar um companheiro e encontrar um senhor...  
  
Ser mulher, calcular todo o infinito curto  
para a larga expansão do desejado surto,  
no ascenso espiritual aos perfeitos ideais...  
  
Ser mulher, e, oh! atroz, tantálica tristeza!  
ficar na vida qual uma águia inerte, presa  
nos pesados grilhões dos preceitos sociais!

**Reflexões (IV)**

Eu sinto que nasci para o pecado,

se é pecado, na Terra, amar o Amor;

anseios me atravessam, lado a lado,

numa ternura que não posso expor.

Filha de um louco amor desventurado,

trago nas veias lírico fervor,

e, se meus dias a abstinência hei dado,

amei como ninguém pode supor.

Fiz do silêncio meu constante brado,

e ao que quero costumo sempre opor

o que devo, no rumo que hei traçado.

Será maior meu gozo ou minha dor,

ante a alegria de não ter pecado

e a mágoa da renúncia deste amor?!...

#### Emiliano Perneta

#### [Vencidos](http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2008/06/03/vencidos-emiliano-perneta-105892.asp)

Nós ficaremos, como os menestréis da rua,

Uns infames reais, mendigos por incúria,

Agoureiros da Treva, adivinhos da Lua,

Desferindo ao luar cantigas de penúria?

Nossa cantiga irá conduzir-nos à tua

Maldição, ó Roland? ... E, mortos pela injúria,

Mortos, bem mortos, e, mudos, a fronte nua,

Dormiremos ouvindo uma estranha lamúria?

Seja. Os grandes um dia hão de cair de bruço ....

Hão de os grandes rolar dos palácios infetos!

E gloria à fome dos vermes concupiscentes!

Embora, nós também, nós, num rouco soluço,

Corda a corda, o violão dos nervos inquietos

Partamos! inquietando as estrelas dormentes!

**Ao cair da tarde**

Agora nada mais. Tudo silêncio. Tudo,

Esses claros jardins com flores de giesta,

Esse parque real, esse palácio em festa,

Dormindo à sombra de um silêncio surdo e mudo...

Nem rosas, nem luar, nem damas... Não me iludo,

A mocidade aí vem, que ruge e que protesta,

Invasora brutal. E a nós que mais nos resta,

Senão ceder-lhe a espada e o manto de veludo?

Sim, que nos resta mais? Já não fulge e não arde

O sol! E no coril negro deste abandono,

Eu sinto o coração tremer como um covarde!

Para que mais viver, folhas tristes do outono?

Cerra-me os olhos, pois, Senhor. É muito tarde.

São horas de dormir o derradeiro sono.

**Dor**

*Ao Andrade Muricy*

Noite. O céu, como um peixe, o turbilhão desova

De estrelas e fulgir. Desponta a lua nova.

Um silêncio espectral, um silêncio profundo

Dentro de uma mortalha imensa envolve o mundo

Humilde, no meu canto, ao pé dessa janela,

Pensava, oh! Solidão, como tu eras bela,

Quando do seio nu, do aveludado seio

Da noite, que baixou, a Dor sombria veio.

Toda de preto. Traz uma mantilha rica;

E por onde ela passa, o ar se purifica.

De invisível caçoila o incenso trescala,

E o fumo sobe, ondeia, invade toda a sala.

Ao vê-la aparecer, tudo se transfigura,

Como que resplandece a própria noite escura.

É a claridade em flor da lua, quando nasce,

São horas de sofrer. Que a dor me despedace.

Que se feche em redor todo o vasto horizonte,

E eu ponha a mão no rosto, e curve triste a fonte.

Que ela me leve, sem que eu saiba onde me leva,

Que me cubra de horror, e me vista de treva.

**Súcubo**

Desde que te amo, vê, quase infalivelmente,

Todas as noites vens aqui. E às minhas cegas

Paixões, e ao teu furor, ninfa concupiscente,

Como um súcubo, assim, de fato, tu te entregas...

Longe que estejas, pois, tenho-te aqui presente.

Como tu vens, não sei. Eu te invoco e tu chegas.

Trazes sobre a nudez, flutuando docemente,

Uma túnica azul, como as túnicas gregas...

E de leve, em redor do meu leito flutuas,

Ó Demônio ideal, de uma beleza louca,

De umas palpitações radiantemente nuas!

Até, até que enfim, em carícias felinas,

O teu busto gentil ligeiramente inclinas,

E te enrolas em mim, e me mordes a boca!

**Borboleta**

*Ao José Gelbcke.*

Hoje, uma borboleta, assim, toda amarela,  
Veio bater aqui junto à minha janela.  
Olhei. Ela passou. Eu comecei a olhar.  
De novo ela passou e tornou a passar,  
Tão veludosa e ao mesmo tempo tão inquieta...  
Que quereria pois aquela borboleta?  
Ia e vinha outra vez, doida, a se debater,  
Com ademanes, com trejeitos de mulher...  
Era um dia de sol, fino e voluptuoso,  
De um grande beijo ideal, de um infinito gozo,  
De um lindo céu azul, esplêndido verão,  
E ela a roçar em mim, como uma tentação...  
E ela a passar aqui, dentro do seu corpete,  
Tão leve, tão sensual, no seu andar coquete,  
A subir, a descer de tal modo, Senhor,  
Que a mim me pareceu, mas sem tirar nem pôr,  
Essas que andam de lá p'ra cá, coquetemente,  
À noite, nos jardins, a seduzir a gente...

\* \* \*

**REFERÊNCIAS**

CAMPOS, Augusto de. **Revisão de Kilkerry**. São Paulo: Fundação Estadual de Cultura, 1970.

**Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa** – 3.0. Objetiva.

MOISÉS, Massaud. **A Literatura Brasileira através dos Textos**. 4.ed. São Paulo: Cultrix, 1975.

PERNETA, Emiliano. **Ilusão & Outros poemas**. Edição crítica. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curituba, 1996.

**Sites:**

1. <http://www.literaturaemfoco.com/?p=324>
2. <http://www.jayrus.art.br/Apostilas/LiteraturaBrasileira/Simbolismo/Pedro_Kilkerry.htm>
3. <http://pensador.uol.com.br/autor/gilka_machado/>
4. <http://apoesiadobrasil.blogspot.com.br/2012/01/emiliano-perneta-1866-1921.html>
5. <http://www.paralerepensar.com.br/a_guimaraes.htm>
6. <http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_brasis/parana/emiliano_perneta.html>